

Em continuidade ao objetivo de lidar com a dimensão cultural das práticas do design assumido na primeira edição, o volume *Fronteiras do Design: [entre] outros possíveis 2* - aprofunda novas discussões envolvendo espaços construídos, objetos artísticos, artefatos de design, moda e meio ambiente.

Os capítulos presentes neste volume trazem problematizações relativas à arquitetura, comunicação, arte, psicologia e educação ambiental. Trata-se de um conjunto de trabalhos oriundos de estudos desenvolvidos por mestrandos e doutorandos da Linha de Pesquisa Design, Cultura e Artes, do PPG Design da UFPE, sempre em colaboração com seus orientadores, alguns em parceria com professores externos ao Programa.

Para além da dimensão técnica e material envolvida, diferentes facetas da dimensão humana são enfatizadas dentre os temas

tratados, trabalho incontornável quando se busca refletir sobre design. Em comum, os textos têm, no conjunto, uma pretensão holística quanto à compreensão das materialidades. As reflexões se estendem ao fazer e ao pensamento artístico e se intensificam na abordagem dos meandros sensíveis do comportamento humano, a exemplo dos processos de imaginação e percepção, aprendizagem e interações com o ambiente físico e social. Nos trabalhos, revelam-se diferentes contextos e pontos de vista teóricos. Cabe ao leitor, apropriar-se das teorias, modelos e processos experimentados e, desses, extrair conhecimento e ampliar horizontes possíveis de interseção.

OS CAPÍTULOS

A organização dos capítulos que compõem o volume se faz por proximidades temáticas ou teóricas. Assim, os dois primeiros capítulos tratam da relação entre artefato e macro contexto sócio-político, situando as materialidades e simbolismos abordados em seus respectivos tempos históricos, e contextualizando suas características estéticas próprias. No capítulo, “Modernismo à brasileira: interpretação das primeiras manifestações do moderno na arquitetura e design de mobiliários brasileiros”, Maria Izabel Rego Cabral e Virgínia Pereira Cavalcanti se propõem a analisar o surgimento do modernismo em áreas projetuais, destacando a aproximação entre arquitetura e design de móveis. Utilizando metodologia de caráter qualitativo, as autoras se utilizam da revisão

bibliográfica narrativa para a reflexão sobre o moderno em Arquitetura e Design, entre os antecedentes da Semana de Arte Moderna de 1922 e o fim da década de 1930, quando o modernismo no Brasil ensaiava ganhar contornos próprios. O contexto do começo do século XX mostra como a arquitetura e o design começaram a seguir uma nova tendência estética que guardava, em sua essência, os princípios ideológicos e políticos do movimento moderno, cujo epicentro se deu na Europa, mas com eco em outros continentes e países, inclusive no Brasil.

No capítulo “A joalheria diante do novo regime climático”, Ana Neuza Botelho Videla e Kátia Medeiros de Araújo discutem os impactos gerados pela joalheria tradicional sobre o meio ambiente e, ao mesmo tempo, apresentam a abordagem da joalheria contemporânea, pouco conhecida inclusive pelo setor joalheiro, como alternativa à posição hegemônica do campo da produção de joias. A partir de uma ideia mais ampla da joalheria, as autoras propõem uma atenção sobre a associação entre a joia e o corpo em consonância com simbolismos e representações construídas na vida social. Esse raciocínio está embasado em reflexões contraculturais do próprio campo da joalheria e em reflexões da etnologia ameríndia, que fazem refletir sobre as elaborações que deslocam o corpo para outras utopias. O corpo é recolocado na problematização do trabalho como uma dimensão que permite vislumbrar outras possibilidades de atuação no campo joalheiro, a exemplo da joalheria de arte.

Na sequência, os dois capítulos que se seguem abordam a noção de campo do design, aplicados, respectivamente, a processos de criação e a métodos de análise de materialidades. Em “O conceito de montagem e o campo do design”, Paulo Cunha e Paulo Diniz se propõem a revisitar dois criadores - Ródtchenko e Eisenstein - com o objetivo de analisar os conceitos e as práticas de montagem e de fotomontagem, compreendidas como ferramentas de produção de sentido na elaboração de imagens visuais. O fundamento do princípio da Montagem reside na articulação (aproximação espaço-temporal) de materiais aparentemente e primitivamente autônomos, processo que está na base dos objetos da Modernidade. Tais processos seguem a lógica industrial, tanto no que se refere aos materiais utilizados ou aludidos (ferro, vidro, plástico, madeira, aço, tinturas químicas, entre outros), quanto aos próprios processos construtivos empregados ou representados nas imagens (divisão técnica do trabalho, emprego de máquinas, olhar diferido).

Por sua vez, no capítulo “A relevância do campo como fator primordial de legitimação do produto”, Adailton Laporte de Alencar e Virgínia Pereira Cavalcanti buscam evidenciar a relevância do Campo (ou do macro contexto social): seu papel na legitimação de produtos desenvolvidos por profissionais na área do design. O Campo é elemento do Modelo de Perspectivas de Sistemas de Mihaly Csikszentmihalyi, psicólogo de origem húngara conhecido pelos seus estudos sobre a felicidade e a criatividade. No modelo, infere-se que a criatividade é movida pela tríade composta por indivíduo (criador), campo (quem legitima) e pelo domínio (cultura). O modelo de Mihaly Csikszentmihalyi, que originalmente se debruça sobre o processo da criatividade, foi adaptado, na elaboração dos autores, às especificidades do design, de modo a contribuir para o processo de desenvolvimento de produtos.

Direcionado à discussão sobre a articulação entre design e arte, seja sob o viés histórico, seja sobre o crítico, os dois capítulos seguintes levam o leitor a um processo de autorreflexão sobre o fazer design. Em “Singularizações: dos objetos artísticos às práticas cotidianas, Gentil Porto Filho convida a refletir sobre as vanguardas, que a partir da primeira década do século XX afastam-se da orientação “expressionista” para conceber a arte como “técnica” de

estranhamento, com o intuito de reanimar criticamente percepções embotadas pela automatização do dia a dia moderno. Formulado pioneiramente por Viktor Chklovski (1999) na teoria literária, o *estranhamento* consistia na “singularização” de objetos familiares, por meio de violações do uso prosaico da língua. Em vez do beletismo do século anterior ou das tradicionais simbologias para “explicar o desconhecido pelo conhecido”, o escritor deveria, segundo esta concepção, “criar uma percepção particular do objeto”, criar uma “visão” e não apenas um “reconhecimento”.

Em “New Look: arte e moda”, Simone Barros e Jorge Luis Pineda, estabelecem uma outra articulação com a arte, tomando como objeto de estudo uma categoria de vestuário - a saia. O capítulo faz uma breve comparação entre dois acontecimentos, respectivamente, da história da arte e da moda, que colocaram a peça de roupa como foco principal das suas elaborações: o icônico new look de Christian Dior, com sua famosa saia corolle, e o polêmico new look de Flávio de Carvalho, com sua saia curta. Enquanto a primeira procurava resgatar a feminilidade das mulheres, perdida nos anos de guerra, a segunda procurava conceber um tipo de roupa masculina mais adequado ao clima de um país tropical. A trajetória da peça de vestuário, a saia, isto é, a forma como esta se reinventa com o passar dos séculos, é vista através de manifestações artísticas. A procura dos autores refere-se ao entendimento do papel da roupa na sociedade, bem como sobre sua capacidade de provocar e mudar comportamentos.

No último capítulo, “Modelo de Negócios para empreendimentos bioinspirados: uma análise estratégica no âmbito da educação ambiental”, Justino Barbosa, Isabela Moroni, Amilton Arruda e Pablo Bezerra, apontam o design estratégico e a biônica como alternativa à forma de fazer negócios em meio à crise climática mundial. Numa lógica onde a natureza inspira produtos, serviços e também as experiências almejadas e representadas pela identidade da marca, os autores afirmam que é possível formar ecossistemas positivos para implantação de modelos de negócios que potencializem empreendimentos bioinspirados. O capítulo, apresenta o resultado de experiências didáticas, realizadas com alunos de graduação do curso de design da UFPE na disciplina Design Estratégico, que abordou a conscientização ambiental e a abstração de elementos naturais

como ferramentas metodológicas de design, com o objetivo de aguçar a percepção sistêmica, holística e cíclica dos estudantes, próxima ao modo e à ética natural de produzir. O resultado é apresentado a partir de um estudo de caso.

Por fim, acrescentamos que o conjunto dos trabalhos, tal como no primeiro volume, objetiva revisitar problemáticas que dizem respeito ao design no seu trato com o indivíduo e com a sociedade, reveladas por diferentes materialidades, instigadas pela percepção e questionadas pela arte, articulado diferentes contextos.

A provocação está posta! Convidamos o leitor a se lançar criticamente sobre a leitura e extrair reflexões, insights, e fazer contribuições!

Setembro de 2021

Registramos nossos agradecimentos aos membros internos e externos do conselho editorial da Linha de Design Cultura e Artes, em especial a Rachel Noronha, Maria Cecília Loschiavo dos Santos e Maria Grazia Cribari Cardoso pela disponibilidade para a leitura crítica dos trabalhos.